Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 31

Data: 07.04.80 Pg.:

Índios aguardam reunidos decisão da Funai, temerosos de uma represália dos fazendeiros

SANDRA CARVALHO
Enviada Especial do GLOBO

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA (O GLOBO) — Os índios gorotire, do grupo caiapó, que na última segunda-feira mataram 20 pessoas a bordunadas na Fazenda Espadilha, Sul do Pará, continuam reunidos na Casa do Guerreiro e, embora protegidos pela Polícia Federal, demonstram grande tensão e temem um ataque dos fazendeiros da região em represália.

A Funai espera, contudo, solucionar o problema ainda esta semana, quando o antropólogo Alceu Cotia apresentará ao presidente do órgão, coronel João Carlos Nobre da Veiga, em Brasília, um relatório sobre a situação da área e estudos sobre a extensão da reserva dos caiapós.

A maioria dos índios que participaram do massacre têm entre 12 e 14 anos e, ontem, pela primeira vez, a imprensa pôde entrar na Casa do Guerreiro, onde os gorotire se encontram desde segunda-feira, quando retornaram à aldeia. O cacique José Uté disse que "todos estão preocupados, mas não com medo".

TÁTICA

O major Marco Antônio Luchini, do Conselho de Segurança Nacional, conhecido como major Curió, voltou a afirmar que o massacre ocorreu em conseqüência dos boatos de que 1800 peões entrariam na área para desmatamento. Embora o episódio tenha se verificado na sede da Fazenda Espadilha, fora da reserva indígena, ele disse que esta é a "tática dos fazendeiros".

— Isto tem acontecido muito — acrescentou. — O fazendeiro constrói a sede da fazenda fora da área indígena e, posteriormente, vai avançando a extensão de suas terras.

O representante do CSN rebateu também as críticas do presidente da Funai, que responsabilizou o antropólogo pelo massacre, negando que Alceu Cotia tenha instigado os índios a invadir novas terras, "porque ele é um excelente profissional".

O coronel Kepler, da Assessoria de Segurança e Informação da Funai, encontra-se na Fazenda Espadilha, acompanhado por nove agentes da Polícia Federal, enquanto a aldeia ficou sob a responsabilidade do chefe do posto, Benigno Pessoa, e do titular da 2ª Delegacia Regional do órgão, com sede em Belém, Paulo César de Abreu. Ontem, o diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário (DGPC), Ivan Zanoni, seguiu para a aldeia acompanhado pelo antropólogo Carlos Moreira Neto, pacificador dos gorotire, que, atendendo convite da Funai, deverá permanecer na área por mais três ou quatro dias. Moreira Neto é autor de vários estudos sobre os gorotire e merece grande respeito dos silvícolas", segundo Zanoni.

Os caiapó continuam reunidos na Casa do Guerreiro à espera de uma solução da Funai

AMEAÇA

Ao relatar o ataque da última segunda-feira, o cacique José Uté disse que tudo começou quando os índios foram informados que 1800 homens entrariam na reserva para desmatamento da floresta.

Na quinta-feira, dia 28 de agosto — acrescentou — nós fomos à Fazenda Cumaru (vizinha ao local do massacre) e deixamos nossas roupas escondidas em uma moita. Quando voltamos no dia seguinte, os garimpeiros tinham queimado tudo.

Segundo Uté, o fazendeiro José de Castro disse aos índios que eles não deveriam ficar andando pelas fazendas porque todos estavam com medo deles e, por isto, corriam perigo de vida.

— Então eu disse ao fazendeiro — acrescentou Uté — que índio não é onça e poderia andar por todos os lados, como todo mundo fazia. Afirmei também que índio não é perigoso porque não é bicho.

Apesar de a Funai estar com vários diretores na área, a Presidência da República ter enviado o major Curió e a Polícia Federal ter deslocado mais de dez elementos para a fazenda e a aldeia, o clima de tensão ainda é grande em toda a região.

Os fazendeiros continuam afirmando que, caso haja um novo ataque, muitos índios morrerão. Observam, ainda, que os peões estão revoltados com as 20 mortes e não "descartaram a idéia de vingança se os silvícolas voltarem a perambular por terras que não lhes pertence".

Amanhã completa um mês que os índios txucarramae, da aldeia do Cretire, no Parque Nacional do Xingu, mataram a bordunados 11 peões que trabalhavam no desmatamento de uma área da Fazenda São Luiz, que faz divisa com o parque. Para solucionar os conflitos naquela área, a Funai decidiu desapropriar uma faixa de 15 quilômetros à margem direita do rio Xingu, que será transformada em reserva florestal.

Depois deste último episódio, porém, o presidente da Funai, afirmou, com certa irritação, que os índios não podem determinar quando e como suas reservas devem ser ampliadas. Observou, ainda, que os gorotire "não têm razão de reagir à não ampliação de sua reserva, porque possuem área mais do que suficiente: 3,3 milhões de hectares de terra".

Enquanto a Funai tenta solucionar os problemas somente à medida em que os conflitos surgem, uma vez que quase todas as demarcações estão sendo providenciadas após os ataques dos índios, o sertanista Apoena Meirelles, delegado do órgão em Rondônia, afirma que os ataques são conseqüência do cansaço das lideranças em esperar soluções para as invasões de suas terras. Ele teme que os índios suruís, do Parque Aripuana, também ataquem os invasores de suas terras, provocando novas mortes.

No Sul do Pará, próximo à aldeia do Gorotire, odelegado da Funai em Belém, Paulo César de Abreu, assim como o major Curió, estão apreensivos com a possibilidade de um novo conflito, pois os índios xicrim, da aldeia do Catete, também descontentes comm a demora de demarcação de sua reserva ameaçam atacar as terras que consideram de sua propriedade e, no último dia 28, prenderam oito pessoas na aldeia, liberando-as somente depois da intervenção de Paulo César de Abreu.

Os fazendeiros do Sul do Pará, que durante toda a semana passada estiveram com os trabalhos totalmente paralisados, uma vez que os peões temem um novo ataque e pensam em abandonar a região para garantir a vida de seus familiares, afirmam que a Funai deve demarcar as terras indígenas com urgência para garantir a vida dos silvícolas e dos brancos.

Para o dono da Fazenda Tecsul, Joaquim Coelho, o Governo federal deve apressar seus trabalhos na área, "assumindo, assim, seus deveres e sua responsabilidade".

— Os índios têm seus direitos — acrescentou — e devem estar cansados dos abusos e das protelações, da mesma forma que nós, fazendeiros, também estamos.

Funai vai rebater as acusações de antropólogo

BRASÍLIA (O GLOBO) — A diretoria da Fundação Nacional do Índio (Funai) se reunirá amanhã para discutir a posição que tomará diante das declarações do antropólogo Darcy Ribeiro, de que o órgão está sendo dirigido por funcionários que não protegem as terras indígenas e são corrompidos por fazendeiros.

A informação -e do superintendente administrativo da Funai, Otávio Pereira Lima, que qualificou de "desagradáveis e inverídicas" as acusações de que a Fundação demite antropólogos e os substitui por sargentos, afirmando que recentemente foi aberto concurso para o preenchimento das vagas existentes, "cujos resultados estão à disposição de quem quer que seja".

Pereira Lima disse, ainda, não acreditar num recrudescimento dos conflitos entre brancos e índios, previsto também por Darcy Ribeiro, pois considera que o recente massacre praticado pelos índios caiapó e que resultou na morte de 20 pessoas, "é um caso isolado, que será resolvido imediatamente". Ele admite, porém, que a interiorização da cultura branca e a abertura de novas estradas poderão causar alguns problemas, embora sem configurar uma situação de conflito generalizado, como declarou o antropólogo.

Contudo, na opinião do ex-secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), padre Iasi Júnior, os massacres realizados pelos txucarramae e caiapó "são o grito de reafirmação dos direitos de um povo que está desesperado, porque até hoje os problemas antigos não foram solucionados pela Funai".